ISSN: 2358-8829

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Alessandra Luzia da Silva Santiago[1]
Darlane Barboza de Farias [2]
Geane dos Santos Silva[3]
Rejane Josefa de Santana [4]
Rozineide Iraci Pereira da Silva[5]

1 INTRODUÇÃO

A educação constitui um processo complexo que envolve diferentes dimensões do desenvolvimento humano, entre as quais se destacam os aspectos cognitivos, emocionais e sociais. No ensino fundamental, a aprendizagem não depende exclusivamente da transmissão de conteúdos ou da aplicação de métodos pedagógicos, pois também está relacionada às experiências vivenciadas pelos estudantes, às relações estabelecidas no ambiente escolar e à maneira como cada criança percebe a si mesma e aos outros. Nesse contexto, a afetividade assume papel relevante na construção do conhecimento, uma vez que as emoções, os sentimentos e os vínculos interpessoais participam da maneira como os estudantes se envolvem nas atividades escolares e enfrentam os desafios da aprendizagem (Wallon, 2007; Leite, 2012).

A afetividade pode ser compreendida como uma dimensão constitutiva do desenvolvimento humano, abrangendo manifestações emocionais, sentimentos, interesses e relações interpessoais. No contexto educacional, ela se expressa nas atitudes de acolhimento, no respeito às individualidades, na escuta, no diálogo e na disponibilidade do professor para compreender as necessidades dos estudantes. Essas manifestações contribuem para a construção de um ambiente escolar favorável à participação, à expressão de ideias e ao desenvolvimento da autonomia. Dessa maneira, compreender a afetividade no processo educativo significa reconhecer que o estudante não aprende de forma isolada, mas a partir de

[1] Mestranda do Curso de Ciências da Educação pela Christian Business School-CBS, alelauraelucas@gmail.com;
[2] Graduada em Licenciatura Plena em Biologia pelo Centro Universitário da Vitória de Santo Antão-UNIVISA, darlanebarboza112213@outlook.com;
[3] Mestranda do Curso de Ciências da Educação pela Christian Business School – CBS, geanesantossilva2012@gmail.com;
[4] Doutoranda do Curso de Ciências da Educação pela Christian Business School-CBS, rejanesantanta@gmail.com;
[5] PhD, doutora em ciências da educação, mestra em ciências da educação, especialista em escrita científica avançada, psicopedagoga, pedagoga, Professora do ensino superior e orientadora da Christian Business School -CBS, rozineide.pereira1975@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

experiências que articulam pensamento, emoção e interação social (Galvão, 1995; Tassoni; Santos, 2013).

A relação entre afetividade e aprendizagem apresenta particular importância nos anos iniciais do ensino fundamental, período em que as crianças ampliam suas habilidades de leitura, escrita, raciocínio lógico, comunicação e convivência social. Nessa etapa, as experiências escolares podem contribuir para o fortalecimento da confiança e do interesse pelo conhecimento, especialmente quando o professor estabelece relações pautadas no respeito e na valorização das capacidades individuais. Em contrapartida, situações de rejeição, humilhação, indiferença ou desvalorização podem prejudicar a participação dos estudantes e favorecer sentimentos de insegurança diante das atividades propostas. A compreensão desse processo exige considerar o desenvolvimento infantil em suas múltiplas dimensões, evitando interpretar as dificuldades de aprendizagem apenas como resultado da falta de interesse ou de capacidade da criança (Piaget, 1999; Barea, 2022).

A perspectiva de Henri Wallon contribui para essa discussão ao destacar a integração entre afetividade, movimento e inteligência no desenvolvimento infantil. Nessa compreensão, as emoções não representam elementos secundários da formação humana, mas participam da constituição da personalidade e da relação da criança com o meio. A escola, portanto, constitui um espaço de experiências afetivas e sociais que influenciam a maneira como o estudante se relaciona com os colegas, com os professores e com o conhecimento. Assim, a prática pedagógica precisa considerar as necessidades emocionais dos alunos, reconhecendo que o desenvolvimento intelectual se articula às condições relacionais e às experiências vivenciadas no cotidiano escolar (Wallon, 2007; Galvão, 1995).

A contribuição de Jean Piaget também permite compreender a relação entre os aspectos afetivos e cognitivos, especialmente ao considerar que o desenvolvimento intelectual envolve processos de construção e reorganização do pensamento. Embora a afetividade e a inteligência apresentem funções distintas, elas se relacionam na orientação das ações, dos interesses e dos esforços realizados pela criança. O interesse por determinada atividade, a disposição para resolver problemas e a persistência diante de dificuldades podem estar associados aos significados que o estudante atribui à experiência de aprendizagem. Dessa forma, a organização do ensino deve considerar tanto os processos de construção do conhecimento quanto os fatores que mobilizam o envolvimento da criança nas situações educativas (Piaget, 1977, 1999).

Na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, a aprendizagem está relacionada às interações sociais e à mediação realizada por outras pessoas, especialmente nas situações em que a criança participa de atividades orientadas e compartilha conhecimentos. A atuação

docente, nesse sentido, ultrapassa a apresentação de informações, pois envolve a criação de condições para que os estudantes participem, expressem suas dúvidas e avancem na compreensão dos conteúdos. A qualidade das relações estabelecidas no ambiente escolar pode favorecer o diálogo e a cooperação, elementos importantes para a construção de experiências significativas de aprendizagem. Assim, a mediação pedagógica precisa considerar as características dos estudantes e as relações sociais nas quais o conhecimento é construído (Vygotsky, 1978; Oliveira, 1993).

Apesar da importância dessas contribuições teóricas, a prática educativa apresenta desafios relacionados à construção de vínculos positivos entre professores e estudantes. As dificuldades de aprendizagem podem ser acompanhadas por insegurança, desmotivação, medo de errar e resistência à participação, situações que demandam atenção dos profissionais da educação. Quando essas manifestações são interpretadas sem considerar as condições emocionais e relacionais da criança, corre-se o risco de limitar a compreensão do problema e de adotar estratégias pouco adequadas às suas necessidades. Por isso, a reflexão sobre a afetividade torna-se relevante para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam o estudante como sujeito ativo, com características, experiências e ritmos próprios de desenvolvimento (Tassoni, 2008; Leite, 2012).

A atuação do professor possui importância nesse processo, uma vez que suas atitudes e estratégias influenciam a organização das relações em sala de aula. A escuta atenta, o incentivo à participação, o reconhecimento dos avanços individuais e a condução respeitosa das dificuldades podem contribuir para que a criança desenvolva maior segurança em relação às próprias capacidades. Isso não significa substituir o ensino dos conteúdos por manifestações de carinho, tampouco eliminar a necessidade de regras e limites, mas compreender que a aprendizagem ocorre em um ambiente de relações humanas no qual o respeito e a responsabilidade precisam estar presentes. A afetividade, portanto, deve integrar o planejamento e a realização das práticas pedagógicas, articulando acolhimento, intencionalidade educativa e compromisso com a aprendizagem (Mizukami, 1986; Leite, 2012).

Diante dessas considerações, o presente estudo tem como tema a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, com ênfase na relação entre professor e aluno no ensino fundamental. A pesquisa parte da compreensão de que os vínculos estabelecidos no contexto escolar podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, influenciando sua participação e seu envolvimento nas atividades educativas. A discussão fundamenta-se em produções acadêmicas que abordam o

ISSN: 2358-8829

desenvolvimento infantil, as relações afetivas, a mediação pedagógica e as contribuições das teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon para a compreensão dos processos de aprendizagem.

A questão norteadora da pesquisa é: de que maneira a afetividade na relação professor-aluno influencia o processo de aprendizagem no ensino fundamental? Para responder a essa questão, estabelece-se como objetivo geral analisar a importância da afetividade na relação entre professor e aluno e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. Como objetivos específicos, busca-se compreender a relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo e emocional da criança; discutir o papel do professor na construção de vínculos afetivos e na mediação do conhecimento; e identificar, na literatura consultada, contribuições da afetividade para a participação, a motivação e o desenvolvimento integral dos estudantes.

A relevância deste estudo consiste em ampliar a compreensão sobre a dimensão afetiva da prática pedagógica, contribuindo para a reflexão acerca de estratégias educativas que valorizem as necessidades emocionais e cognitivas dos estudantes. Ao reunir contribuições teóricas sobre o tema, a pesquisa busca evidenciar que a qualidade das relações interpessoais integra as condições relevantes para uma educação comprometida com o desenvolvimento humano. Espera-se, assim, contribuir para o debate sobre práticas pedagógicas mais acolhedoras, reflexivas e inclusivas, capazes de articular a construção do conhecimento ao respeito às singularidades das crianças no ensino fundamental (Galvão, 1995; Tassoni; Santos, 2013).

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Esse procedimento metodológico possibilita reunir, examinar e interpretar conhecimentos produzidos anteriormente sobre determinado objeto de estudo, contribuindo para a compreensão dos conceitos, das perspectivas teóricas e das discussões relacionadas à afetividade no processo de ensino e aprendizagem. A abordagem qualitativa mostra-se adequada à investigação, uma vez que o fenômeno estudado envolve relações humanas, emoções, interações sociais e significados atribuídos às experiências educativas (Nunes; Silveira, 2009).

A revisão bibliográfica foi orientada pela seleção de livros, artigos científicos, dissertações e teses relacionados à afetividade, ao desenvolvimento infantil, à aprendizagem e à relação professor-aluno no contexto do ensino fundamental. Foram priorizadas produções que

discutem as contribuições da afetividade para o desenvolvimento cognitivo e emocional, o papel das interações sociais na construção do conhecimento e a importância da mediação docente nas práticas pedagógicas. Também foram consideradas obras que abordam as teorias de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, devido à relevância de suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem infantil.

A seleção do material bibliográfico considerou a pertinência temática, a contribuição teórica das obras e a relação direta com os objetivos estabelecidos para a pesquisa. Foram valorizadas produções que possibilitassem compreender a afetividade para além das manifestações de carinho, considerando sua relação com a motivação, o interesse, a interação social, a construção da autonomia e o desenvolvimento integral da criança. A escolha das fontes buscou contemplar diferentes perspectivas teóricas, permitindo uma análise abrangente das relações entre afetividade e educação (Galvão, 1995; Leite, 2012).

Após a seleção das obras, realizou-se a leitura exploratória, seguida da leitura analítica e interpretativa dos materiais, com a identificação dos principais conceitos, argumentos e contribuições relacionados ao tema. As informações foram organizadas conforme sua aproximação com os objetivos da investigação, possibilitando reconhecer aspectos convergentes entre os autores e compreender as diferentes maneiras pelas quais a afetividade se relaciona com os processos educativos. A análise considerou especialmente as contribuições da psicologia do desenvolvimento e das teorias da aprendizagem para a compreensão das relações estabelecidas entre professores e estudantes (Oliveira, 1993; Barea, 2022).

Para organizar a discussão, os conteúdos foram agrupados em três eixos temáticos: afetividade e desenvolvimento cognitivo e emocional da criança; relação professor-aluno e mediação pedagógica; e contribuições da afetividade para a aprendizagem no ensino fundamental. Esses eixos orientaram a construção do referencial teórico e a interpretação dos resultados encontrados na literatura, permitindo relacionar os conceitos apresentados pelos autores aos desafios e às possibilidades da prática educativa. A organização temática favoreceu uma análise integrada das dimensões afetivas, cognitivas e sociais envolvidas no processo de ensino e aprendizagem (Wallon, 2007; Leite, 2012).

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, a pesquisa não envolveu coleta direta de dados com crianças, professores ou instituições de ensino. Os resultados e as discussões foram elaborados a partir da interpretação crítica das publicações selecionadas, buscando identificar contribuições teóricas, aproximações entre diferentes perspectivas e implicações para a prática pedagógica. Ressalta-se que a análise se restringe ao material bibliográfico considerado, não

ISSN: 2358-8829

tendo a finalidade de estabelecer relações causais definitivas entre afetividade e desempenho escolar.

3 REFERÊNCIAL TEÓRICO

3.1 AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL DA CRIANÇA

A afetividade constitui uma dimensão importante do desenvolvimento infantil, pois participa da maneira como a criança estabelece relações com o ambiente, expressa sentimentos, desenvolve interesses e responde às experiências vivenciadas. No contexto escolar, essa dimensão está relacionada à construção da identidade, à formação da autonomia e à maneira como o estudante se envolve nas atividades propostas. Compreender o desenvolvimento infantil exige, portanto, considerar a articulação entre os aspectos emocionais, cognitivos e sociais, reconhecendo que a criança se desenvolve por meio de experiências que envolvem tanto a construção do pensamento quanto as relações estabelecidas com outras pessoas (Wallon, 2007; Barea, 2022).

Na teoria de Henri Wallon, o desenvolvimento humano é compreendido a partir da integração entre afetividade, motricidade e inteligência. Essas dimensões participam conjuntamente da constituição da pessoa, embora possam assumir diferentes formas de expressão ao longo do desenvolvimento. As emoções exercem uma função importante nas relações sociais e na comunicação, especialmente durante a infância, quando a criança ainda está ampliando suas possibilidades de expressar sentimentos e compreender as reações das pessoas ao seu redor. Nesse sentido, as experiências vivenciadas no ambiente escolar podem influenciar a construção da personalidade e as formas de participação da criança nas situações de aprendizagem (Galvão, 1995; Wallon, 2007).

A perspectiva walloniana permite compreender que as manifestações emocionais não devem ser interpretadas isoladamente do contexto em que ocorrem. Uma criança que demonstra insegurança diante de determinada atividade, por exemplo, pode estar expressando dificuldades relacionadas à experiência escolar, às relações interpessoais ou à percepção de suas próprias capacidades. Essa possibilidade não significa que toda dificuldade de aprendizagem tenha origem emocional, mas evidencia a necessidade de uma observação pedagógica atenta às diferentes dimensões que participam do desenvolvimento infantil. O reconhecimento dessas

ISSN: 2358-8829

particularidades favorece a elaboração de estratégias educativas que considerem as necessidades dos estudantes e as condições em que aprendem (Galvão, 1995; Silva, 2017).

A teoria de Jean Piaget também contribui para a compreensão da relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo. Para o autor, a construção do conhecimento envolve processos de adaptação, organização e reorganização das estruturas cognitivas, por meio da interação entre o sujeito e o meio. A afetividade, embora não se confunda com a inteligência, relaciona-se à orientação das ações e ao interesse que mobiliza o indivíduo diante de determinadas situações. Dessa forma, o envolvimento da criança nas atividades escolares pode ser influenciado tanto pelas possibilidades cognitivas quanto pelos interesses, pelas necessidades e pelos valores atribuídos às experiências de aprendizagem (Piaget, 1977, 1999).

A relação entre afetividade e cognição também pode ser compreendida considerando-se que a aprendizagem exige participação ativa, atenção e disposição para enfrentar desafios. Quando a criança encontra oportunidades para perguntar, experimentar, formular hipóteses e reconhecer seus avanços, pode desenvolver uma relação mais positiva com o conhecimento. Em contrapartida, experiências marcadas por constrangimento ou desvalorização podem dificultar a participação e reduzir a disposição para enfrentar situações nas quais existe a possibilidade de cometer erros. A prática pedagógica precisa, assim, favorecer experiências que estimulem a curiosidade e a autonomia, respeitando os diferentes ritmos de desenvolvimento dos estudantes (Piaget, 1999; Munari, 2010).

Na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores está relacionado às interações sociais e aos processos de mediação cultural. A criança aprende em contato com outras pessoas, utilizando a linguagem e participando de atividades que ampliam suas possibilidades de compreender e transformar a realidade. A escola desempenha papel relevante nesse processo, pois organiza situações de aprendizagem nas quais o professor e os colegas podem contribuir para a construção de novos conhecimentos. As relações interpessoais, portanto, integram o contexto em que a aprendizagem acontece e precisam ser consideradas na organização das práticas pedagógicas (Vygotsky, 1978; Oliveira, 1993).

A mediação pedagógica envolve mais do que a apresentação de conteúdos, pois compreende a criação de oportunidades para que os estudantes participem ativamente das atividades e desenvolvam progressivamente suas capacidades. Nesse processo, a comunicação respeitosa, o incentivo à colaboração e a atenção às dificuldades individuais podem contribuir para a construção de um ambiente favorável à aprendizagem. Berni (2006), ao discutir a mediação na perspectiva vigotskyana, contribui para a reflexão sobre a atuação docente como

elemento importante na organização das experiências educativas e na aproximação entre o estudante e o conhecimento.

A articulação entre essas perspectivas teóricas permite compreender que o desenvolvimento cognitivo não deve ser analisado de maneira dissociada das experiências afetivas e sociais. Wallon destaca a integração entre emoção e inteligência; Piaget contribui para a compreensão dos processos de construção do conhecimento e da participação dos interesses na ação; e Vygotsky enfatiza a importância das interações sociais e da mediação cultural. Embora apresentem diferenças conceituais, essas abordagens oferecem elementos para refletir sobre a necessidade de práticas pedagógicas que considerem a criança em sua integralidade, valorizando tanto a aprendizagem dos conteúdos quanto as condições relacionais em que ela ocorre (Clanet; Laterrace; Vergnaud, 2009; Rego, 2011).

3.2 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A AFETIVIDADE NA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A relação entre professor e aluno constitui uma dimensão significativa do processo educativo, pois envolve comunicação, convivência, estabelecimento de limites e construção de condições para a aprendizagem. O professor não atua somente como responsável pela transmissão dos conteúdos curriculares, mas também como mediador das interações que ocorrem em sala de aula. Suas atitudes, formas de comunicação e estratégias de intervenção participam da organização do ambiente educativo e podem influenciar a maneira como os estudantes se posicionam diante das atividades escolares. Nessa perspectiva, a afetividade integra a prática pedagógica e deve estar articulada à intencionalidade do ensino (Mizukami, 1986; Leite, 2012).

A afetividade na relação professor-aluno manifesta-se por meio de atitudes que demonstram respeito, disponibilidade para ouvir, reconhecimento das diferenças e atenção às necessidades de aprendizagem. Essas atitudes não se limitam à expressão de carinho, pois envolvem também a maneira como o professor orienta os estudantes, oferece devolutivas, conduz conflitos e estabelece regras de convivência. Quando a criança percebe que suas dúvidas são acolhidas e que seus erros são tratados como parte do processo de aprendizagem, pode sentir-se mais segura para participar das atividades e expressar suas dificuldades. Essa compreensão reforça a importância das manifestações afetivas nas práticas pedagógicas e nas relações estabelecidas em sala de aula (Tassoni, 2008; Leite, 2012).

ISSN: 2358-8829

As práticas pedagógicas não são neutras em relação às experiências emocionais dos estudantes. A forma como uma resposta incorreta é recebida, a maneira como os avanços são reconhecidos e o tratamento oferecido diante das dificuldades podem produzir diferentes significados para a criança. Uma postura docente pautada na exposição constrangedora ou na comparação depreciativa entre estudantes pode comprometer a confiança e a participação, enquanto intervenções respeitosas podem favorecer a compreensão do erro como oportunidade de aprendizagem. Nesse sentido, a dimensão afetiva está presente nas escolhas cotidianas do professor e nas formas de interação que se estabelecem durante o ensino (Tassoni, 2008; Silva, 2017).

A valorização da afetividade, entretanto, não significa eliminar a autoridade pedagógica ou deixar de estabelecer limites. O processo educativo exige organização, responsabilidade, objetivos definidos e regras que assegurem condições adequadas para a convivência e a aprendizagem. A diferença está na maneira como esses elementos são conduzidos: a autoridade docente pode ser exercida com firmeza e respeito, sem recorrer à humilhação, à ameaça ou à desvalorização dos estudantes. Uma relação pedagógica equilibrada combina acolhimento, orientação e exigência educativa, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade (Mizukami, 1986; Leite, 2012).

A perspectiva histórico-cultural também permite compreender a importância da relação professor-aluno na construção do conhecimento. A mediação docente organiza situações nas quais a criança pode desenvolver habilidades que ainda não realiza de maneira independente, contando com orientações, intervenções e oportunidades de participação. Nesse processo, o diálogo contribui para identificar conhecimentos prévios, esclarecer dúvidas e ajustar as estratégias de ensino às necessidades apresentadas pelos estudantes. A afetividade pode favorecer a qualidade dessa interação, especialmente quando o professor demonstra disponibilidade para compreender as dificuldades e apoiar a progressão da aprendizagem (Vygotsky, 1978; Oliveira, 1993).

A formação docente também merece atenção, pois a construção de relações afetivas adequadas exige reflexão sobre as próprias práticas e compreensão das necessidades dos estudantes. O professor precisa reconhecer que as manifestações emocionais podem variar entre crianças e que uma mesma estratégia não produz necessariamente os mesmos efeitos em todos os alunos. A observação, a avaliação contínua e a revisão das intervenções pedagógicas contribuem para identificar situações que demandam acompanhamento e reorganização das atividades. Dessa forma, a afetividade não deve ser entendida apenas como característica

pessoal do educador, mas como dimensão que pode ser desenvolvida e incorporada conscientemente ao trabalho pedagógico (Facci, 2004; Barea, 2022).

Outro aspecto importante refere-se à construção de um ambiente escolar no qual os estudantes se sintam respeitados em suas particularidades. Crianças com diferentes experiências familiares, condições sociais, necessidades educacionais e ritmos de aprendizagem compartilham o mesmo espaço e precisam encontrar oportunidades de participação. Uma prática pedagógica sensível às diferenças procura evitar rótulos, reconhecer as capacidades individuais e oferecer apoio compatível com as necessidades identificadas. Essa postura contribui para uma convivência mais respeitosa e para o fortalecimento de relações educativas que valorizem a dignidade de cada estudante (Leite, 2012; Tassoni; Santos, 2013).

Portanto, a afetividade na relação professor-aluno deve ser compreendida como parte integrante da mediação pedagógica. O estabelecimento de vínculos positivos não substitui o planejamento, o domínio dos conteúdos ou o uso de estratégias didáticas adequadas, mas pode contribuir para que esses elementos sejam desenvolvidos em um ambiente favorável à participação e ao desenvolvimento. A atuação docente torna-se mais consistente quando articula conhecimento, escuta, respeito, orientação e compromisso com a aprendizagem, reconhecendo que a formação escolar envolve tanto a apropriação dos conhecimentos quanto a construção de relações humanas significativas (Mizukami, 1986; Leite, 2012).

3.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

No ensino fundamental, a afetividade pode contribuir para a criação de condições relacionais favoráveis à participação dos estudantes e ao desenvolvimento de atitudes positivas diante do conhecimento. A criança que encontra um ambiente no qual pode expressar dúvidas, compartilhar ideias e receber orientação respeitosa dispõe de oportunidades para participar das atividades com maior segurança. Essa condição não garante, isoladamente, o sucesso escolar, pois a aprendizagem também depende de fatores pedagógicos, cognitivos, sociais e materiais. Entretanto, as relações estabelecidas na escola constituem uma dimensão importante para compreender como os estudantes vivenciam as experiências de ensino (Leite, 2012; Tassoni; Santos, 2013).

Uma das contribuições da afetividade está relacionada à motivação para aprender. O interesse por uma atividade pode ser favorecido quando o estudante compreende seu propósito, percebe que pode avançar e encontra apoio para enfrentar as dificuldades. O reconhecimento

ISSN: 2358-8829

dos esforços, a valorização das descobertas e a oferta de desafios compatíveis com as possibilidades da criança podem estimular o envolvimento com o processo de aprendizagem. Por outro lado, a repetição de experiências de fracasso acompanhadas de críticas desrespeitosas pode contribuir para que o estudante passe a evitar determinadas atividades. Por essa razão, o planejamento pedagógico deve considerar estratégias que associem objetivos de aprendizagem claros a formas respeitosas de acompanhamento e avaliação (Piaget, 1999; Barea, 2022).

A afetividade também pode favorecer a construção da autonomia. Quando o professor oferece oportunidades para que as crianças façam escolhas, expliquem seus raciocínios e participem da resolução de problemas, contribui para que assumam progressivamente maior responsabilidade por suas ações. Esse processo exige acompanhamento e orientação, uma vez que a autonomia não se desenvolve pela ausência de regras, mas pela participação em situações que possibilitem compreender consequências, tomar decisões e refletir sobre as próprias atitudes. A organização de experiências educativas que valorizem a iniciativa dos estudantes pode fortalecer sua participação no cotidiano escolar (Piaget, 1999; Oliveira, 1993).

Outra contribuição relevante está relacionada à convivência social. A sala de aula constitui um espaço no qual as crianças aprendem conteúdos curriculares e, simultaneamente, desenvolvem formas de comunicação, cooperação e resolução de conflitos. As interações entre professor e aluno, assim como as relações entre colegas, podem favorecer a construção de atitudes de respeito e reconhecimento das diferenças. O professor pode contribuir para esse processo ao organizar atividades colaborativas, estimular a escuta e orientar a resolução de divergências sem recorrer a práticas discriminatórias ou constrangedoras. Dessa forma, a afetividade relaciona-se à construção de um ambiente educativo que valoriza a aprendizagem e a convivência (Wallon, 2007; Rego, 2011).

No contexto da alfabetização e do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, a dimensão afetiva também merece atenção. As crianças apresentam ritmos distintos de aprendizagem e podem demonstrar insegurança quando encontram dificuldades para reconhecer letras, formar palavras, compreender textos ou registrar suas ideias. Nessas situações, a intervenção docente precisa identificar as necessidades específicas de aprendizagem e oferecer atividades adequadas, evitando comparações que desconsiderem as diferenças individuais. O acolhimento deve estar associado a estratégias pedagógicas consistentes, pois o apoio emocional é importante, mas precisa ser acompanhado de oportunidades concretas para a aprendizagem e a superação das dificuldades (Barea, 2022; Leite, 2012).

ISSN: 2358-8829

A relação entre afetividade e inclusão escolar constitui outro aspecto relevante. Estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem ou necessidades educacionais específicas precisam encontrar condições de participação que respeitem suas características e favoreçam o desenvolvimento de suas potencialidades. Isso envolve reconhecer barreiras, diversificar estratégias de ensino e estabelecer formas de comunicação adequadas às necessidades de cada criança. Uma postura acolhedora pode contribuir para o sentimento de pertencimento, mas a inclusão também exige planejamento, acessibilidade, recursos pedagógicos e ações institucionais que garantam oportunidades de aprendizagem (Facci, 2004; Tassoni; Santos, 2013).

A afetividade pode contribuir, ainda, para a relação que a criança estabelece com o próprio processo de aprender. Quando os erros são tratados como parte da construção do conhecimento e os avanços são reconhecidos de maneira coerente, o estudante pode desenvolver maior disposição para tentar novamente diante de dificuldades. Essa postura favorece uma compreensão da aprendizagem como processo progressivo, que envolve esforço, orientação e reorganização das estratégias utilizadas. Cabe ao professor oferecer devolutivas claras, identificar os obstáculos encontrados e propor intervenções que permitam ao estudante avançar, sem reduzir suas capacidades a resultados pontuais de avaliações (Piaget, 1977, 1999).

É necessário considerar, contudo, que a aprendizagem é influenciada por múltiplas condições, incluindo a qualidade do ensino, as oportunidades de acesso aos materiais didáticos, as experiências anteriores, as condições familiares e o contexto socioeconômico. Por isso, não seria adequado atribuir toda dificuldade escolar à ausência de afetividade ou supor que uma relação positiva com o professor resolverá, por si só, problemas complexos de aprendizagem. A contribuição da dimensão afetiva deve ser compreendida em articulação com as demais condições que participam do desenvolvimento infantil, orientando uma análise mais ampla das necessidades dos estudantes (Nunes; Silveira, 2009; Barea, 2022).

Diante disso, a afetividade apresenta relevância para o ensino fundamental porque participa da construção das relações, da motivação, da autonomia e das experiências de convivência que integram a vida escolar. Sua incorporação à prática pedagógica requer compromisso com o desenvolvimento integral das crianças e compreensão das relações entre emoção, pensamento e interação social. Assim, uma educação que reconhece a importância dos vínculos afetivos pode favorecer experiências de aprendizagem mais respeitosas e participativas, desde que essa dimensão esteja articulada ao planejamento didático, à avaliação e à garantia de condições adequadas para o ensino (Wallon, 2007; Leite, 2012).

ISSN: 2358-8829

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise interpretativa da literatura selecionada permitiu organizar a discussão em três eixos principais: a relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo e emocional; a importância dos vínculos entre professor e aluno na mediação pedagógica; e as contribuições da dimensão afetiva para a participação e a aprendizagem no ensino fundamental. Esses eixos foram definidos a partir dos objetivos da pesquisa e das aproximações identificadas entre as produções consultadas. Os resultados apresentados correspondem à síntese teórica das obras analisadas, e não a dados obtidos por meio de observação de campo ou entrevistas com profissionais e estudantes.

No primeiro eixo, referente à relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo e emocional, as contribuições de Wallon e Piaget permitem compreender que os processos de aprendizagem não devem ser analisados exclusivamente a partir do desempenho intelectual. Wallon (2007), destaca a integração entre afetividade e inteligência no desenvolvimento humano, enquanto Piaget (1999), contribui para compreender os processos de construção do conhecimento e a participação dos interesses na ação. A aproximação entre essas perspectivas evidencia a importância de considerar as experiências emocionais e as condições de participação da criança na organização das práticas educativas.

A literatura consultada também indica que as emoções participam da maneira como a criança se relaciona com o ambiente e responde às experiências escolares. Galvão (1995), ao abordar a concepção walloniana do desenvolvimento infantil, oferece fundamentos para compreender a importância das relações entre emoção, movimento e inteligência. Essa perspectiva contribui para a reflexão sobre situações nas quais a insegurança, o medo de errar ou a dificuldade de expressar sentimentos podem interferir na participação escolar. Entretanto, essas manifestações precisam ser interpretadas considerando-se o contexto e as particularidades de cada estudante, sem estabelecer relações causais automáticas entre emoções e dificuldades de aprendizagem.

No segundo eixo, relativo à relação professor-aluno e à mediação pedagógica, os estudos de Leite (2012) e Tassoni (2008), contribuem para compreender a presença da afetividade nas práticas pedagógicas e nas interações que ocorrem em sala de aula. As relações educativas envolvem não apenas os conteúdos trabalhados, mas também as formas de comunicação, as atitudes diante das dificuldades e os significados atribuídos às experiências escolares. Dessa maneira, a postura do professor pode contribuir para a construção de um

ISSN: 2358-8829

ambiente em que os estudantes se sintam respeitados e tenham condições de expressar dúvidas e participar das atividades.

A discussão sobre a mediação pedagógica também encontra fundamento na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky. Oliveira (1993), destaca a importância das relações entre aprendizado e desenvolvimento, permitindo compreender que a interação social participa da construção do conhecimento. Nesse sentido, o professor organiza situações de aprendizagem, oferece orientações e cria oportunidades para que os estudantes ampliem suas capacidades. A afetividade integra essas relações ao favorecer uma comunicação respeitosa e uma aproximação pedagógica que considera as necessidades dos alunos, sem substituir o planejamento e a intencionalidade do ensino.

Outro aspecto identificado na literatura refere-se à importância de reconhecer as dificuldades de aprendizagem sem recorrer à desvalorização dos estudantes. A comparação depreciativa, a exposição de erros e a utilização de rótulos podem comprometer as relações escolares e dificultar a participação de algumas crianças. Em contrapartida, intervenções que oferecem orientação, reconhecem progressos e apresentam possibilidades de superação podem favorecer o envolvimento nas atividades. Essa interpretação converge com a discussão de Leite (2012), sobre a afetividade nas práticas pedagógicas e com a análise de Tassoni (2008) sobre as manifestações afetivas no processo de escolarização.

No terceiro eixo, relacionado às contribuições da afetividade para a aprendizagem no ensino fundamental, a literatura permite destacar sua relação com a motivação, a participação, a autonomia e a convivência social. O ambiente escolar oferece experiências nas quais as crianças aprendem a compartilhar conhecimentos, respeitar regras, comunicar ideias e lidar com situações desafiadoras. A afetividade pode contribuir para que essas experiências ocorram em condições de respeito e acolhimento, favorecendo a construção de vínculos e a participação nas atividades educativas. Essas contribuições, entretanto, precisam ser articuladas a estratégias de ensino adequadas e à identificação das necessidades de aprendizagem (Wallon, 2007; Tassoni; Santos, 2013).

A síntese das produções também evidencia que o reconhecimento das particularidades dos estudantes constitui um aspecto relevante da prática pedagógica. As crianças apresentam diferentes ritmos de desenvolvimento, experiências anteriores e necessidades educacionais, o que exige do professor flexibilidade para organizar atividades e intervenções. A valorização das diferenças não significa reduzir as expectativas de aprendizagem, mas oferecer condições para que os estudantes avancem de acordo com os objetivos educacionais e com o apoio necessário. Nesse sentido, a afetividade pode contribuir para uma prática mais atenta às necessidades

individuais, desde que acompanhada de planejamento e acompanhamento pedagógico (Facci, 2004; Barea, 2022).

Os resultados da análise também indicam que a afetividade não deve ser confundida com permissividade ou ausência de limites. Uma relação pedagógica positiva exige clareza nas orientações, respeito mútuo e compromisso com os objetivos de aprendizagem. O professor pode exercer sua autoridade de maneira responsável, estabelecendo regras e intervindo diante de conflitos sem recorrer a práticas humilhantes ou discriminatórias. Essa compreensão reforça a ideia de que o vínculo afetivo e a organização do ensino são dimensões complementares, necessárias para a construção de um ambiente educativo que favoreça a aprendizagem e a convivência (Mizukami, 1986; Leite, 2012).

Em relação às implicações para a prática educativa, a literatura fundamenta a importância de estratégias como a escuta ativa, o diálogo, a valorização dos avanços, a mediação respeitosa dos conflitos e a diversificação das atividades. Essas ações podem contribuir para que os estudantes participem com maior segurança e compreendam as dificuldades como situações que exigem orientação e novas oportunidades de aprendizagem. Também se destaca a necessidade de que os professores reflitam continuamente sobre suas intervenções, observando como as formas de comunicação e organização da sala de aula repercutem nas relações escolares (Tassoni, 2008; Leite, 2012).

É importante ressaltar que os achados da revisão não permitem afirmar que a afetividade seja o único fator responsável pelo desempenho escolar. A aprendizagem resulta da interação entre aspectos cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos, além das condições materiais e institucionais em que a educação acontece. Dessa forma, as contribuições identificadas devem ser compreendidas como fundamentos para a reflexão sobre a prática docente, e não como comprovação de que vínculos afetivos positivos garantem automaticamente melhores resultados acadêmicos. Essa interpretação evita simplificações e reconhece a complexidade dos processos educativos (Nunes; Silveira, 2009; Barea, 2022).

Em síntese, a discussão da literatura permite compreender a afetividade como dimensão relevante da prática pedagógica, presente nas relações entre professores e estudantes e nas condições em que o conhecimento é construído. As contribuições de Wallon, Piaget e Vygotsky oferecem perspectivas complementares para analisar a relação entre desenvolvimento, emoção, pensamento e interação social. A partir dessas contribuições, destaca-se a importância de práticas educativas que articulem acolhimento, mediação pedagógica, planejamento e compromisso com a aprendizagem, reconhecendo a criança como sujeito integral do processo educativo (Wallon, 2007; Piaget, 1999; Vygotsky, 1978).

ISSN: 2358-8829

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a importância da afetividade na relação entre professor e aluno e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental. A partir da revisão bibliográfica, foi possível compreender que a afetividade constitui uma dimensão relevante do desenvolvimento infantil, estando relacionada às experiências emocionais, às interações sociais e às condições em que a criança participa das atividades escolares. A análise das contribuições teóricas permitiu refletir sobre a necessidade de compreender a aprendizagem de maneira integral, considerando a articulação entre os aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

Em relação ao primeiro objetivo específico, que buscou compreender a relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo e emocional, verificou-se, a partir da literatura examinada, que as experiências afetivas participam da maneira como a criança se relaciona com o ambiente e responde às situações educativas. As contribuições de Wallon evidenciam a integração entre afetividade e inteligência, enquanto Piaget oferece elementos para compreender a participação dos interesses e das ações nos processos de construção do conhecimento. Essas perspectivas reforçam a importância de reconhecer que o desenvolvimento infantil envolve diferentes dimensões que precisam ser consideradas no planejamento pedagógico.

Quanto ao segundo objetivo específico, relacionado ao papel do professor na construção de vínculos afetivos e na mediação do conhecimento, identificou-se que as atitudes docentes integram as experiências de aprendizagem vivenciadas pelos estudantes. A escuta, o diálogo, o respeito às diferenças e a orientação diante das dificuldades podem contribuir para a construção de relações educativas mais positivas. A afetividade, nesse contexto, não deve ser entendida apenas como manifestação de carinho, mas como parte da maneira pela qual o professor organiza as interações, conduz as atividades e acompanha o desenvolvimento dos alunos.

No que se refere ao terceiro objetivo específico, que buscou identificar contribuições da afetividade para a participação, a motivação e o desenvolvimento integral dos estudantes, a literatura analisada aponta que os vínculos interpessoais podem favorecer condições de segurança, pertencimento e envolvimento nas atividades escolares. Entretanto, essas contribuições precisam estar articuladas ao planejamento didático, à avaliação contínua e à utilização de estratégias adequadas às necessidades de aprendizagem. A afetividade,

isoladamente, não garante o sucesso escolar, mas representa uma dimensão importante na construção de ambientes educativos respeitosos e favoráveis ao desenvolvimento das crianças.

Diante da questão norteadora, conclui-se que a afetividade na relação professor-aluno pode influenciar o processo de aprendizagem ao contribuir para a qualidade das interações, a participação dos estudantes e a maneira como enfrentam as dificuldades escolares. A análise teórica também evidencia que a construção de vínculos positivos precisa estar associada à responsabilidade pedagógica, ao estabelecimento de limites e à oferta de oportunidades concretas para a aprendizagem. Assim, o professor desempenha um papel importante na organização de experiências educativas que valorizem tanto a construção do conhecimento quanto o respeito às necessidades emocionais e sociais dos estudantes.

Como contribuição para a prática educativa, destaca-se a importância de incorporar ao cotidiano escolar atitudes de acolhimento, diálogo, valorização dos avanços individuais e mediação respeitosa dos conflitos. Essas ações podem colaborar para uma convivência mais positiva e para o fortalecimento da participação dos estudantes, desde que acompanhadas de estratégias pedagógicas consistentes e de condições adequadas de ensino. A reflexão contínua sobre as práticas docentes também se mostra necessária para identificar dificuldades, rever intervenções e ampliar as possibilidades de aprendizagem.

Por fim, reconhece-se que a revisão bibliográfica apresenta como limite a ausência de investigação empírica sobre experiências específicas de professores e estudantes. Pesquisas futuras poderão aprofundar a temática por meio de estudos em instituições de ensino fundamental, buscando compreender como os vínculos afetivos se manifestam nas práticas pedagógicas e quais desafios os professores enfrentam para integrar essa dimensão ao processo educativo. Ainda assim, a discussão desenvolvida contribui para reforçar a importância de uma educação comprometida com o desenvolvimento integral da criança, na qual a afetividade seja compreendida como parte das relações humanas que constituem o processo de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino e aprendizagem. Relação professor-aluno. Desenvolvimento infantil. Ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

BAREA, N. R. Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. São Paulo: **Platos Soluções Educacionais S. A.,** 2022.

BERNI, R. I. G. Mediação: o conceito vigotskyano e suas implicações na prática pedagógica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, **UFU,** 2006.

CLANET, C.; LATERRACE, C.; VERGNAUD, G. Dossier Wallon-Piaget: condensación de los puntos de coincidencia y divergencia en la obra de estos dos investigadores. Barcelona: **Granica,** 2009.

FACCI, M. G. D. Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.

GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. Henri Wallon. In: JUNQUEIRA, P.; DIAS, E. T. D. M. (org.). Henri Wallon. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. p. 31-42.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia,** Campinas, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: **EPU,** 1986.

MUNARI, A. Jean Piaget. Tradução e organização: Daniele Saheb. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; **Editora Massangana,** 2010. (Coleção Educadores).

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N. Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos. Brasília: **Liber Livro,** 2009.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: **Scipione,** 1993.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: **Scipione,** 1997.

PESSOA, V. S. A afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas,** v. 8, n. 1, p. 97-107, 2000.

PIAGET, J. O desenvolvimento do pensamento: equilibração das estruturas cognitivas. Lisboa: **Dom Quixote,** 1977.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 24. ed. Rio de Janeiro: **Forense Universitária,** 1999.

PIAGET, J.; INHELDER, B. A psicologia da criança. São Paulo: **DIFEL,** 1968.

PIAGET, J.; INHELDER, B. A psicologia da criança. 9. ed. São Paulo: **DIFEL,** 1986.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 22. ed. Petrópolis: **Vozes,** 2011.

RIBEIRO, A. E. M. Princípios do método clínico de Jean Piaget: uma análise dos protocolos de pesquisa entre 1920 e 1922. 2018. **Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista,** 2018.

SILVA, R. F. As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo de ensino-aprendizagem: contribuições da teoria de Henri Wallon. 2017. 162 f. **Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista**, 2017.

TASSONI, E. C. M. A dinâmica na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização. 2008. **Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas,** Campinas, 2008.

TASSONI, E. C. M.; SANTOS, A. N. M. Afetividade, ensino e aprendizagem: um estudo no GT 20 da ANPED. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional,** v. 17, n. 1, p. 65-76, 2013.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo: **Martins Fontes,** 1998.

VYGOTSKY, L. S. Mind in society: the development of higher psychological processes. **Cambridge: Harvard University Press,** 1978.

VYGOTSKY, L. S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: **Martins Fontes,** 1998.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: **Martins Fontes,** 2007.

WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: **Vozes,** 2008.